

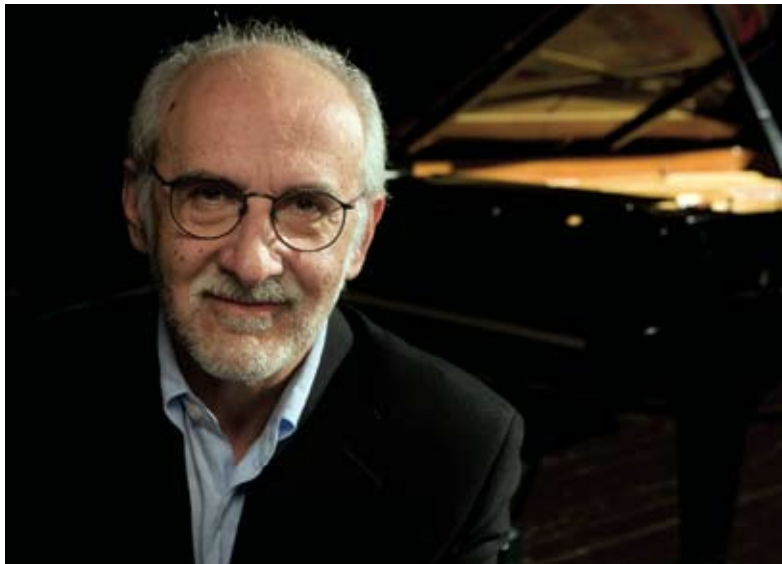
Música  
31 Outubro '09

# Solo I & II

# António Pinho Vargas

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Piano António Pinho Vargas

**Sáb 31 de Outubro**  
**Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M12**

## António Pinho Vargas e o “gesto lírico e consonante”

Se quisermos referir-nos apenas a um único domínio da sua actividade musical, são hoje raríssimas as oportunidades de poder reflectir acerca da arte tão singular de António Pinho Vargas (APV) no que à prática e à criação do jazz se refere.

O recente lançamento, com pouco menos de um ano a separá-los, de dois álbuns duplos gravados a solo pelo pianista – e como tal intitulados –, constituindo como que uma meticolosa e profunda revisitação da sua obra jazzística, apresentam-se como uma boa ocasião para fazê-lo e, sobretudo, para sublinhar alguns aspectos absolutamente marcantes na sua personalidade musical, melhor dizendo, no desdobraimento estritamente musical dessa personalidade.

Iniciando a sua actividade no campo do jazz no início dos anos de 1970 e inserido nas correntes então vanguardistas (como o *free jazz*) cujas primeiras manifestações despontavam em Portugal, APV viria também a interessar-se paralela ou consecutivamente por diversas expressões do jazz e da música *pop* urbana, como o *rock*, o *funk* e outras manifestações das chamadas *fusões*, mais tarde vindo a estabilizar, por assim dizer, esse percurso sinuoso, multifacetado e prolífico na criação de um tipo de jazz de características muito raras entre nós, atitude acompanhada da consciente assunção da sua qualidade de músico europeu e, sobretudo, de músico português.

Ao fazê-lo, o pianista e compositor, não deixava também de reflectir, no

plano musical e no plano ideológico, um pensamento cada vez mais pessoal e convicto, mesmo que sempre aberto e atento à evolução dos fenómenos culturais e sociais envolventes.

Por um lado, APV destacava-se entre os músicos de jazz nacionais seus contemporâneos por um progressivo afastamento do jazz de modelo norte-americano, até aí mais divulgado e praticado (como seria inevitável) entre nós, com a clara excepção, no plano instrumental, do seu manifesto interesse pela expressividade técnica de outros pianistas, como Chick Corea, ou, no plano composicional, pela criatividade musical de Keith Jarrett e dos seus quarteto americano e europeu, também estes experiências raras e únicas. Por outro lado, a escolha e a formulação dos motivos musicais que serviam de fonte temática e estruturante da improvisação inerente ao jazz, passavam a invocar, em termos melódicos e mesmo harmónicos, uma expressão inequivocamente portuguesa.

Julgo poder assim dizer-se que, sem o exemplo de APV, teria sido menos natural o posterior surgimento na cena do jazz português de outros pianistas como Mário Laginha ou João Paulo Esteves da Silva.

O aprofundamento da sua preparação musical académica, realizada em Portugal e no estrangeiro, levaria o compositor a optar mais claramente por um outro caminho de afirmação musical a partir de meados dos anos de 1980. E, embora não tenha deixado de episodicamente actuar em público como instrumentista de jazz ou mesmo de gravar mais alguns (poucos) álbuns neste domínio musical, foi ao ofício de

compositor na área da música erudita contemporânea que passou a dedicar até hoje parte substancial do seu tempo criativo (sendo, nela, figura de primeiro plano entre os seus pares), acompanhada de uma actividade relevante no âmbito da docência e também da reflexão e ensaio publicados sobre o fenómeno musical.

Mesmo antes de desafiado, o escriba, a ocupar umas dezenas de linhas com alguma prosa minimamente indicativa quanto ao papel de APV no jazz português e sobre o que poderá antecipar-se acerca do concerto desta noite – que enquadra o lançamento do esperado segundo volume de *Solo* – este empreendimento, sempre de algum modo especulativo, já começara afinal anteriormente ao repto, aquando da publicação do seu primeiro volume.

Não tendo assistido nos últimos tempos a qualquer recital ou concerto de APV na área do jazz nem tendo qualquer pista ou indício acerca do conteúdo concreto do primeiro *Solo* que me preparava então para ouvir em disco, a minha mais interessante e premente dúvida relacionava-se com a seguinte questão de ordem estética: que porção da *dupla personalidade* do compositor havia prevalecido no resultado final da obra discográfica? Teria o peso mais recente e absorvente do seu lado erudito influído nesse resultado, como “intromissão” transfiguradora e reformuladora das peças que ainda bailavam na minha memória? Ou optara o autor por se manter, no fundamental, fiel à impressão digital e à matriz original que, quiçá, desde sempre pretendia se mantivessem indelévels nos originais gravados entre 1983 e 1996? Quem sabe, mesmo,

se tal questão se lhe chegou a colocar no decorrer deste processo?

A conclusão provisória a que pude chegar, então, não foi divergente da conclusão mais definitiva que voltei a tirar, agora, da privilegiada primeira audição de uma cópia privada de *Solo II*, a saber: parece-me claro que, independentemente de se tratar, aqui, de versões para piano solo e não para formações instrumentais de constituição diversa ou para duo instrumental com voz, a verdade é que António Pinho Vargas, enquanto compositor, decidiu de uma forma natural permanecer firme na sua atitude de não deixar os seus dois mundos composicionais embrenharem-se um no outro; de contrariar possíveis contaminações da obra jazzística e de expressão tantas vezes *popular*, portuguesa, por persuasões ou tentações de tipo *erudito*, preferindo conservar-lhes o essencial da traça original e optando por uma revisitação o mais pura e enxuta possível dessa obra.

Provavelmente ao contrário do que poderá suceder no muito diferente situação de uma actuação em palco – durante a qual a interacção com o próprio público é tantas vezes decisiva nas mudanças de estratégia – ao fazer aquela opção, APV foi ao ponto de limitar, de algum modo, ao peso essencial e adequado, a vertente da improvisação jazzística sobre o material de base; e só raramente se deixou arrebatar por desenvolvimentos idiomáticos ou improvisativos à maneira de um Jarrett ou de um Mehlau, aqui circunscritos (como já ensaiara num disco anterior, *A Luz e a Escuridão*) à aposição de *prelúdios* ou *poslúdios*, regra geral singelos e parcimoniosos.

Mas uma consequência extremamente feliz deste caminho escolhido por APV foi a capacidade de nos devolver a memória de um lirismo sem mácula que banha várias das suas peças e, ao mesmo tempo, deixar-nos mergulhar deliberadamente no mundo da consonância que melhor permite realçar aquele, como acontece simbolicamente com o *acorde perfeito maior* que encerra de forma paradigmática o segundo disco de *Solo II*.

E sem que isto constitua qualquer contradição com o que atrás se escreveu, talvez que a prática erudita da música orquestral tenha afinal influído na expressividade sonora e tímbrica que APV tão bem sabe hoje extrair de um instrumento “orquestral” como nenhum outro – o piano – a um tempo puro e cristalino nas deambulações melódicas; obsessivo e insistente nas *notas pedal* que lhes servem de sustento; percussivo e ressonante nos graves; incisivo, mordaz e sibilino nos agudos; pastoso, volúvel e sensual nos médios; mas sempre deixando lugar à *imperfeição* que todo o jazz desejavelmente deve ser, como o pianista parece querer sublinhar ao sub-intitular “Imperfeições 1, 2, 3 e 4” os quatro CDs que compõem estes dois álbuns duplos.

Foi assim que pude recordar, ao ouvi-los – esperando agora redescobrir de uma outra forma em palco –, a beleza evocativa de “canções sem palavras” como *Brinquedos*, *Veado Ferido*, *Quatro Mulheres*, *Casa de Granito no Minho* ou *Cantiga para Amigos*; os profundos e sentidos “corais” de *Da Alma*, *Funerais*, *Que amor não me engana* ou a “tocata” de *Alentejo*, *Alentejo*; o “perpetuum mobile” (!) de *O Movimento Parado*

das *Árvores*; a alegria radiosa de *Vilas Morenas*, *Dança dos Pássaros* ou *Dinky Toys*; a emoção perturbadora de *Lindo Ramo*, *Verde Escuro* ou *The times they are a-changing*; as modulações a tons afastados de *Cantiga para Maria*; o modalismo ibérico de *Olhos Molhados*; as harmonias paralelas de *O Sentimento de um Ocidental* ou *Águas Matinais da Holanda*; a tensão latente de *Apesar de tudo, a calma (!)*; ou o *Poslúdio* para *Franz* (fazendo lembrar-me Maria João!); e ainda a articulação jazzística ou a irreprimível liberdade de *Ornette*, *Thelonius*, *June*, *In Between T & O* e *General Complex*.

Manuel Jorge Veloso  
blog *O Sítio do Jazz*

---

## António Pinho Vargas

---

António Pinho Vargas nasceu em Vila Nova de Gaia (1951). Licenciou-se em História pela Faculdade de Letras do Porto. Completou o Curso Superior de Piano no Conservatório do Porto e diplomou-se em Composição no Conservatório de Roterdão (1990) onde estudou três anos com o compositor Klaas de Vries, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Frequentou cursos de Nunes, Cage e Andriessen e seminários de Composição com Ligeti na Hungria (1991) e Donatoni em Itália (1992). Condecorado pelo Presidente de República Portuguesa com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, em 1995, foi professor de Composição na Escola Superior de Música de Lisboa (1991-2005). Desempenhou as funções de consultor na Fundação de Serralves (1994-2000) e no Centro Cultural de Belém (1996-1999).

Ligado ao jazz vários anos, gravou sete discos com dezenas de composições originais e tocou em muitos países da Europa e nos EUA, com músicos como Kenny Wheeler, Steve Potts, Paolo Fresu, Arild Andersen e Jon Christensen. Com o seu grupo de jazz apresentou-se em muitos países da Europa – Espanha, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, Eslovénia, Cabo Verde, África do Sul, Macau e nos Estados Unidos. Recebeu por três vezes o Prémio de Imprensa Sete de Ouro para o melhor disco instrumental do ano. Compôs música para teatro e cinema, nomeadamente para os filmes de João

Botelho: *Tempos Díficeis* (1988), *Aqui na Terra* (1993), *Quem é tu?* (2001) e de José Fonseca e Costa, *Cinco Dias*, *Cinco Noites* (1996) e *O Fascínio* (2003) recebendo o prémio da melhor música em festivais de cinema com *Tempos Díficeis* e *Cinco Dias*, *Cinco Noites*.

Em 2008 regressou aos palcos e gravou o CD duplo *Solo* que obteve excelente recepção crítica, sendo considerado um dos Discos do Ano nas principais publicações. O projecto completa-se com *Solo II*, editado em Outubro deste ano.

Sobretudo a partir da sua estada na Holanda, António Pinho Vargas tem-se dedicado principalmente à música contemporânea, ocupando lugar de relevo no actual panorama português. Algumas das suas obras foram executadas em França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Itália, Grécia, Dinamarca, Suécia, Espanha, Brasil, Inglaterra, Polónia, Hungria, EUA, Rússia e China. A sua obra inclui composições para música de câmara e instrumentos solo, como *Mirrors* para piano, Amesterdão, 1990 (tocada por Paul Prener, Ronald Brautigam, Madalena Soveral, Tania Achot, Gloria Chen-Chocran, Volker Banfield, Miguel Henriques, entre outros), *Monodia* (Artis Quartet de Viena, Arditti Quartet, The Smith Quartet), *Três Versos de Caeiro* (Ensemble Nuova Sincronia, Northern Sinfonia, OrchestrUtopica, Remix Ensemble); composições para orquestra: *Acting Out*, (António Saiote, J. Ramon Encinar e Martin André), *A Impaciência de Mahler*, (Michael Zilm e Martin André); *Six Portraits of Pain* (2005) para violoncelo e grande ensemble [Anssi Karttunen, violoncelo e Remix Ensemble

(Franck Ollu)]; *Graffiti [just forms]* (2006) pela OSP (Lothar Königs); *Um Discurso de Thomas Bernhard* (2008), OML (Michael Zilm) e *An Impossible Task* (2009), OML (Michael Zilm); para coro e orquestra a oratória *Judas secundum Lucam, Joannem, Matthaeum et Marco*, (dir. Fernando Eldoro); as óperas *Édipo, Tragédia de Saber* (1996), *Os Dias Levantados* (1998), dir. João Paulo Santos, *A little madness in the spring* (2006), dir. Franck Ollu e *Outro Fim* (2008), dir. Cesário Costa.

Participou no Festival Other Minds V em S. Francisco, EUA, (1999); no International Music Theatre Workshop na Oper-am-Rhein, em Dusseldorf, com a apresentação-vídeo de *Os Dias Levantados* (1999) e obteve uma Bolsa da Fundação Rockefeller para uma estadia no Bellagio Study and Conference Center, em Itália (2001). Foram editados os CD monográficos *Monodia* (EMI), *Versos* (Strauss), *Os Dias Levantados* (EMI), *Graffiti, Six Portraits Acting Out*, (Numérica/Casa da Música) e diversas obras incluídas em gravações do Arditti Quartet (Etcetera), The Galliard Ensemble e The Scottish Brass Ensemble (DeuxElles).

A Culturgest organizou um Festival António Pinho Vargas em Fevereiro e Março de 2002 com a maior parte da sua obra. Encomedado pela Culturgest, LxFilmes e RTP, foi realizado por Manuel Mozos e Luís Correia o documentário *António Pinho Vargas, notas de um compositor*. Publicou os livros *Sobre Música* (2002) na Afrontamento e *Cinco Conferências* (2008) na Culturgest.

O compositor está a terminar o seu doutoramento na Universidade de Coimbra sob a orientação do

Prof. Boaventura de Sousa Santos (CES da Universidade de Coimbra) e do Prof. Max Paddison (Universidade de Durham) com uma bolsa da Fundação da Ciência e Tecnologia. É actualmente Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.  
[www.antoniopinhovargas.com](http://www.antoniopinhovargas.com)

# Gonzales Solo Piano



**Música** Ter 3 Novembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Gonzales (de seu nome verdadeiro Jason Charles Beck) nasceu no Canadá. Começou a tocar piano aos 3 anos e teve uma formação clássica. Na década de 1990 iniciou uma carreira na música pop com uma banda de rock alternativo. Em 1999 mudou-se para Berlim e adoptou o nome artístico de Gonzales. Nomeou-se a si próprio Presidente do *Underground* de Berlim numa conferência de imprensa que ficou célebre. As pessoas pensaram que estava a brincar. Gravou vários álbuns, em torno da música hip-hop, mas com muitas outras influências e todos eles diferentes entre si. De comum, a genialidade do autor.

Tanto aparecia nos clubes nocturnos, como *entertainer*, ou acompanhando filmes mudos ao piano, como surgia nos Festivais de Verão do circuito pop. Em 2003 mudou-se para Paris, onde reside.

Como produtor, arranizador ou compositor, trabalhou com Daft Punk (célebre dupla francesa de música electrónica), David Bowie, Jane Birkin, os canadianos Feist, Peaches e Mocky, Charles Aznavour e muitos outros.

Em 2004 editou o seu disco com maior sucesso *Solo Piano*, que o introduziu “a um público de verdadeiros seres humanos que realmente compram discos” (da biografia do seu site). É um álbum de delicadas peças para piano, comoventes, muito belas, onde se notam as influências de Ravel e Satie, mas também da folk canadiana, ou do jazz americano.

O espectáculo *Solo Piano*, que tem apresentado com enorme sucesso em salas como a Volksbühne e o Hebbel Theatre em Berlim, o Centro Georges Pompidou ou o Royal Festival Hall, é uma mistura de *showman* à antiga, com um recital de piano surreal, com um sentido de humor irresistível e que suscita a participação do público. Um espectáculo inesquecível.

Entre 17 e 18 de Maio deste ano, Gonzales bateu o record do mais longo recital de sempre. Tocou durante 27 horas 3 minutos e 44 segundos.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

Gonella

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

##### Direção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

##### Produção

Paula Tavares dos Santos

##### Montagem

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

##### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

##### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

##### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

##### Direção Técnica

Eugénio Sena

##### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

##### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

##### Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

##### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

##### Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

##### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

#### Frente de Casa

Rute Sousa

##### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

##### Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

##### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

##### Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

---

**Culturgest, uma casa do mundo**

---